

SOU PELA CONFUSÃO ORTOGRÁFICA

José Maria Vieira Mendes

Para que serve aos outros, não sei. Amim tem-me servido para brincar aos caracteres. Tirar um e pôr outro conforme a disposição do dia. Recuso porém, com isto, ser representante de um dos lados de uma batalha que me desinteressa. Desinteressa-me a lusofonia, desinteressa-me a conservação da língua, desinteressa-me o bem da poesia e a sagração do sagrado e a uniformização da comunidade e a normatização da escrita e o entendimento mútuo e o nosso passado. Para passado prefiro o meu que não é só meu mas que é cá dos meus. Nesta discussão não sou pois a favor nem contra, porque sou pela confusão ortográfica, contra a norma. E agora posso. Foi a instauração do caos que me levou a querer há de sem hífen. Foi quando percebi que as novas grafias do acordo se contradiziam entre elas e eram hesitantes e pouco claras e violentamente atacadas e disparatadas e até agradáveis e que abriam portas à disposição do escritor que me dediquei a esta nova escrita. Que por mim podia

ser mais caótica (não percebo porque não caem alguns tiles — nao, visao, ilusao... — para quando estou em teclado estrangeiro), mas que, enfim, me dá a diversão de, acrescentando um caracter, escrever no mesmo texto a mesma palavra de dois modos, obrigando o leitor a variar a dicção. E a perguntar-se: será mesmo a mesma? Apenas lamento (e a culpa não é do acordo, é minha) não ter ainda sido capaz de abdicar do acento em «pára». Se o fosse, abriria a possibilidade de misturar um movimento com destino e finalidade com uma imobilidade sem fim à vista. Ou seja, promover um vocábulo paradoxal, tão em linha com o pensamento contemporâneo. Talvez nunca lá chegue. A contemporaneidade foge-me. Como os dias. É o acordo ontológico. Ainda para mais há quem diga que tudo isto é provisório. (Então há que aproveitar, respondo eu.) E que daqui a um ano poderemos estar a escrever com outras letras. (Quem me dera, digo eu. Canso-me depressa da novidade.) Sou incapaz de discutir.